

O ronco surdo das batalhas: as narrativas visuais da vida na Favela do Moinho

YAMIN HO RENAUDEAU

(UNICAMP/SÃO PAULO/BRASIL)¹

Resumo

A questão social das favelas² migrou do foco nos trabalhadores para aqueles considerados marginais nas periferias, tornando-se um debate voltado à segurança pública. Essa lógica de segmentação advém de uma governança seletiva que intervém a favor da lógica do capital, produzindo e reproduzindo uma cidade excludente (Feltran, 2014). A reivindicação do direito da população mais pobre de morar no centro é subvertida pelo “estado de guerra”, no qual a violência é equiparada à requalificação e à restauração urbana. As imagens que circulam nos grandes veículos de mídia constroem retratos de uma Favela do Moinho tecida pela violência, destruição, drogas, precariedade, desapropriação e despejo. Esse enquadramento controla o que é visível e inteligível como vida, tratando-se de uma captura da narrativa calamitosa imposta pelo Estado (Butler, 2015 e Azoulay, 2024). As repetidas representações formam, no imaginário social, uma ideia de pobreza que se torna intrínseca a essas pessoas, em que “o que é catastrófico não é um evento espetacular, mas o que está acontecendo repetidamente, sem drama, sem ocorrências” (Das, 2024, p.26). Em contraponto, colocam-se os moradores do Moinho como agentes em meio às disputas do poder. O “rumor das batalhas” e o seu “ronco surdo” apontam para conflitos e enfrentamentos que não se limitam aos jogos internos das relações de poder estabelecidas, sobretudo sob as políticas de um “Estado de Guerra” (Foucault, 1987 e Telles, 2015). Neste trabalho, busca-se evidenciar as “forças de baixo” que se manifestam na superfície dos acontecimentos, em sublevações, insubmissões e revoltas, que desafiam as estruturas de poder existentes. Analisa-se o significado da presença da última favela do centro de São Paulo, o que é a *vida* que habita e faz o Moinho girar. Como um vislumbre de uma realidade para além do estado de violência, examinam-se os retratos do perfil do *Instagram* dos próprios moradores, cujas fotos revelam narrativas visuais da vida que era pujante naquele local. Dessa forma, apresenta-se uma nova versão desses sujeitos que, em conjunto e através da construção do comum (Dardot e Laval, 2017), extraem “chances de vida”, reafirmando suas agências na construção de suas próprias histórias e realidades e tornam a vida mais vida (Biehl, 2008).

Palavras-chave: Favela do Moinho; Estado de Guerra; Narrativas Visuais.

¹Atualmente é mestranda no Programa de Pós-graduação em Antropologia Social (PPGAS) do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH) pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) e bacharela em Ciências Sociais pela mesma.

² Trabalho apresentado na 35ª Reunião Brasileira de Antropologia (Ano: 2026).

Introdução

“O que é catastrófico não é um evento espetacular, mas o que está acontecendo repetidamente, sem drama, sem incorrências” (Veena Das, 2024, p.26).

No início de maio de 2025, novas operações policiais foram realizadas na Favela do Moinho; o intuito era iniciar a remoção das casas e prédios em virtude das futuras obras no local, o que gerou um confronto entre os moradores e as forças de segurança. A última favela do centro de São Paulo ocupa um terreno da União, que foi cedido em posse ao Governo do Estado para a construção do Parque Moinho e da nova estação de trem do Bom Retiro.

Figura 1 - Mapa localização da Favela do Moinho



Fonte: Localização do Moinho. Reprodução: Editorial de Arte O Globo (2024).

No simbólico dia 13 de maio, nas redondezas, o antigo ponto de fluxo da Cracolândia na Rua dos Protestantes foi encontrado esvaziado. Em um confronto de narrativas, moradores e comerciantes das proximidades relataram que a dispersão dos usuários de drogas ocorreu devido às sucessivas ações truculentas da Guarda Civil Municipal (GCM) na região. Segundo o governo do Estado de São Paulo de Tarcísio Freitas e a prefeitura de Ricardo Nunes, a Favela do Moinho é uma ameaça à região e um ponto vital para o crime organizado. Supostamente, diversas casas trabalhariam em conjunto com o Primeiro Comando da Capital (PCC) para o fornecimento de drogas aos usuários do centro.

A acusação tem como fundamento uma lista de imóveis denunciados pelo Ministério Público e uma ação policial com o Grupo de Atuação Especial de Combate ao Crime Organizado (GAECO). As ações policiais também foram realizadas na

tentativa de desapropriar casas na área, com o objetivo de garantir a segurança pública. Pontua-se que é de conhecimento comum o interesse econômico, tanto privado quanto estatal, no terreno da Favela do Moinho, que se encontra a apenas 1,5 km do projeto da nova sede administrativa do poder público paulista, de autoria do atual governador de São Paulo.

Essa breve contextualização apresenta uma série de acontecimentos na Favela do Moinho, que ocorriam simultaneamente no período de uma disciplina de graduação de ciências sociais ministrada pela Profa. Dra. Taniele Rui. No decorrer das aulas, fomos inundados por notícias que atravessaram os temas dos textos que estavam sendo trabalhados. Logo, gostaria de reiterar que este ensaio é uma versão do trabalho final produzido na disciplina e faz conexões, sobretudo com textos da ementa. De forma alguma, o objetivo é realizar uma historicização da Favela do Moinho no intuito de representá-la ou os seus moradores, nem mesmo ser uma etnografia digital sobre os discursos e imagens que rodeiam as representações da favela. Especialmente, por conta do tempo hábil de um semestre, não seria possível fazê-la. Então o que é este trabalho? Este texto é uma simples reflexão antropológica, um esforço construtivo para pensar nas vidas que estão (sobre)vivendo nos entremeios do ordinário de uma cidade violenta.

Por que quero olhar as imagens reproduzidas e as produzidas pelas pessoas que moravam no Moinho? Ao ler os noticiários, nesse período, as imagens que circularam e ainda circulam nos grandes veículos de mídia chamaram a minha atenção. As fotografias, em sua maioria, eram retratos³ de uma favela do Moinho tecida pela violência, pela destruição, pelas drogas, pela precariedade, pela desapropriação e pelo despejo⁴. Em contraste com essa representação, durante a disciplina um colega apresentou à classe o *Instagram* do coletivo de moradores cujo nome no perfil é @faveladomoinho. Nele, outras representações apareciam: fotografias que mostravam uma vida que era pujante naquele local, vidas que estão além do estado de violência. Diante desse confronto, das repetidas imagens que aprofundam uma visão de sofrimento e das representações de si, surge a ideia do trabalho.

Algumas questões guiaram esse processo, ainda que não tenham uma resposta exata: é possível pensar os retratos da vida cotidiana na Favela do Moinho — os

³ Nessa direção, faço um uso dual do significado visual de retratos que seriam a reprodução da imagem de alguém. Mas também no sentido figurado, utilizado para descrever algo que é uma cópia exata ou o modelo perfeito de uma situação. Também escolho não colocar no texto as imagens de violência para e com os moradores do Moinho, elas já circulam livremente pelas mídias.

⁴ Reitero neste ponto, que essas imagens circulam nas redes sociais da @faveladomoinho também abordar imagens de sofrimento e calamidade, mas sua exposição serve como ferramenta de denúncia.

registros das atividades para crianças, das festas com samba e pagode, das rodas de rap com a juventude — como expressões que contrariam/subvertem/resistem à inerência da violência? De que maneira esse cotidiano pode desconstruir quadros de estigmatização? Como essas imagens soam, ou não, como rancos surdos das batalhas? Batalhas essas que matam moradores, encarceram sujeitos de luta e desapropriam terrenos, casas e vida.

Ver com método: implicações analíticas

Primeiramente, antes de me aprofundar nas questões colocadas, como o objeto desse ensaio são fotografias, não poderia deixar de traçar implicações metodológicas e analíticas. Os materiais fotográficos estão há muito tempo presentes nos trabalhos antropológicos; em muitos casos aparecem apenas como instrumentos de informação, mas também caracterizam-se como um “acontecimento estético” (Brandão, 2004). A fotografia por si só é portadora de uma subjetividade, de um sentido polissêmico. No texto *Fotografar, documentar e dizer com a imagem* (2004), Brandão traz reflexões sobre a fotografia no trabalho antropológico “algo de maneira inevitável colocado na fronteira entre a evidência e o mistério” (2004, p.4). O foco que pretendo dar está no reconhecimento e no trabalho dessa fronteira, buscando contrabalançar os dois lados. Este é o gesto metodológico que orienta a minha leitura das imagens. Ressalta-se que o método não é neutro, nem possui intenções de ser: ele mesmo revela o posicionamento sobre o que se pode dizer com a imagem e sobre quem tem o poder de dizê-lo.

Essa fronteira fundamenta a assimetria dos dados analíticos: as imagens de noticiários funcionam como a camada da ilustração e da informação; servem para documentar e esclarecer, ao mesmo tempo que enquadram uma narrativa calamitosa. Por outro lado, as representações êmicas habitam no que seria a camada do descrever e interpretar. Segundo Brandão, há imagens que “não são uma pausa no texto, mas uma outra fala que, tal como as palavras, tem algo próprio a dizer, a descrever ou mesmo a interpretar” (2004, p.3). Nesse sentido, a assimetria torna-se um dado analítico sobre as relações de poder sobre quem pode dizer com as fotografias e com quais termos.

Nessa direção, o que nos interessa, na verdade, está nas dimensões do “dar-a-ver” e “deixar-se-ver”⁵, expressões que Brandão retoma de Carneiro da Cunha⁶.

⁵ Conceitos teóricos virão acompanhados das aspas, palavras êmicas e estrangeiras estarão acompanhadas do recurso estilístico itálico.

⁶ O texto da Carneiro da Cunha a no qual ele estabelece um diálogo é o ensaio *Olhar escravo, ser olhado* (1988) no qual ela analisa as representações fotográfica de pessoas escravizadas do século XIX.

O sujeito que deseja uma fotografia (um retrato) mostra-se, dá-se a conhecer, “esparrama-se pelo papel”; existe um autoreconhecimento naquele retrato. Mas e quem é fotografado sem escolha? “É visto sob formas que o despersonalizam (...) mostrando-o seja como um tipo, seja como uma função” (Carneiro da Cunha *apud* Brandão, 2004, p.17). As imagens do noticiário operam nessa segunda lógica: a comunidade é objetificada, se torna uma evidência de um problema a ser documentado. E as reproduções nativas inverteriam essa relação, dado que são imagens produzidas por quem se dá a ver em sua própria subjetividade.

Um mesmo acontecimento pode ser fotografado por diferentes pessoas, mas o que cada imagem vai dizer depende das escolhas de quem tira a foto: o ângulo, o recorte, a distância, o que fica de fora. Brandão defende que, já que essas escolhas não são neutras. "O processo de criação de cada imagem é sempre uma escolha pessoal" (Brandão, 2004, p.11), e justamente por isso a fotografia pode ser, nas ciências humanas, não apenas “uma técnica da imagem”, mas o que ele irá chamar de “uma poética do imaginário”. Logo, os leitores das imagens também farão uma interpretação individualizada. As imagens sempre serão mais do que mostram, pelos “processos simbólicos e simbolicamente multi-interpretáveis através dos quais elas fazem algo acontecer”(Brandão, 2004, p.12). Logo, uma boa imagem desafia o exercício de interpretação do próprio olhar; aqui, as narrativas visuais do Moinho me pareceram um bom caminho para isso.

Moinho Parado, Moinho Ocupado, Moinho Girando

À época da escrita da primeira versão deste ensaio, a remoção dos moradores e a destruição de suas casas ainda não tinham acontecido⁷. O Moinho estava **parado**, um terreno com escombros de uma fábrica, vazio e abandonado pelo poder público, sem exercer a função social estabelecida pela Constituição brasileira. Por meio de pessoas, em especial trabalhadores, o local foi **ocupado** com vida, reivindicando o direito de morar no centro da cidade mais cara do Brasil. Cidade essa que, em sua estrutura, relega

⁷ A remoção dos moradores ainda não aconteceu em sua totalidade. Em uma publicação do dia 21 de janeiro, moradores denunciam a propaganda enganosa do Estado sobre o Moinho: “Enquanto o governo do Estado faz propaganda enganosa anunciando que as famílias do Moinho já estão quase todas reassentadas e que suas ações são um sucesso, a realidade na favela é outra! A vida em meio a escombros e a violência para pressionar a saída sem garantias, tem sido a realidade de quem ainda está lá, não porque queira, mas porque simplesmente não foi atendido! [...] Tanto a CDHU como a Caixa têm feito de tudo pra dificultar a vida dos moradores, enrijecendo burocracia e encanando com documentos (especialmente de imigrantes). As etapas de vistoria dos apartamentos escolhidos têm durado semanas, em um momento que a situação do Moinho se agrava mais a cada dia. Tá chegando o final do prazo e mais de 60 famílias ainda não foram atendidas, conforme foi acordado!” (Favela do Moinho, 2026).

o seu núcleo às populações mais empobrecidas. O moinho abandonado começou a se mover e esteve **girando** por muito tempo graças à vida ordinária.

Para entender por que essa ocupação foi necessária e por que foi combatida pelos agentes públicos, é preciso entender a estrutura que a produziu. A cidade de São Paulo, como destaca Kowarick (1979), tem uma questão habitacional através de uma problemática dual. Em primeiro, as conjunturas que ocasionam o empobrecimento total ou parcial de segmentos da “classe trabalhadora” e a “espoliação urbana”, vamos nos ter a definição e a segunda questão:

Espoliação urbana: é o somatório de extorsões que se opera através da inexistência ou precariedade de serviços de consumo coletivo que se apresentam como socialmente necessários em relação aos níveis de subsistência e que agudizam ainda mais a dilapidação que se realiza no âmbito das relações de trabalho (Kowarick, 1979, p.59).

Logo, esse processo limita e exclui o acesso de grupos sociais mais empobrecidos aos bens de consumo coletivo: habitação, saneamento, escolas, hospitais, transporte etc. O Estado, alinhado ao capital, transfere a solução dos problemas urbanos para empreendimentos privados, enquanto a classe trabalhadora busca soluções próprias para solucionar a inacessibilidade. De maneira resumida, a autoconstrução das moradias representa uma consequência estrutural de uma cidade excludente que deposita para longe aqueles que não pertencem ou não deveriam estar no centro. Por fim, a favela do Moinho é um contraponto à produção desse tipo de cidade.

No final dos anos 1980, surge no centro de São Paulo a Favela do Moinho, construída em uma área abandonada da antiga fábrica Moinho Central. Sua história é marcada por décadas de abandono e pela luta de trabalhadores que reivindicam moradia digna no centro. Além da dificuldade da inacessibilidade, o Moinho também sofreu duas grandes tragédias além das diversas incursões policiais; coloco em destaque: os dois grandes incêndios dos anos de 2011 e 2012 que deixaram centenas de desabrigados, e suas investigações nunca tiveram um desfecho. Como solução para esse problema, a Prefeitura de São Paulo, no final de 2011, construiu um muro para, supostamente, isolar a área afetada pelo fogo.

Então, os moradores o denominaram de *muro da vergonha*. Na legenda do *post* que conta essa história, relata-se que o muro de 6 metros foi construído pelo governo para interditar a área e tinha como missão *espoliar os pobres*. Em 2012, foi derrubado pelos próprios moradores, que em 2013 retomaram o terreno e permanecem reivindicando aquilo que lhes pertence: um *Moinho Vivo*.

Figura 2 - Pessoa quebrando o muro da vergonha em 2012



Fonte: *Instagram* @faveladomoinho

O material deste trabalho coloca em vista e tensiona questões vistas como indissolúveis: a urgência para habitar a cidade e a exclusão sistemática. O perfil @faveladomoinho na rede social *Instagram*, segundo as suas próprias informações, foi criado pelos próprios moradores e tem como objetivo trazer visibilidade para suas reivindicações de direito. À luz disso, os debates tratam sobretudo da luta por moradia digna; da divulgação de ações beneficentes na localidade para amparar as comunidades; de atividades cotidianas para crianças e adultos; e de denúncias de episódios de violência e descaso governamental. Não somente isso, atualmente, em 2026, o *Instagram* tornou-se o principal palco para a defesa das lideranças políticas presas da Favela do Moinho. A primeira publicação do perfil foi realizada em 15 de agosto de 2021 e desde então o perfil se mantém ativo com diferentes modalidades de exposição, fotos, vídeos, realização de transmissões ao vivo e a divulgação de cartas públicas dos moradores.

Na introdução de *Quadros de Guerra* (2015), Judith Butler estabelece um ponto de partida que me é caro nessa reflexão, a maneira como o poder enquadra a percepção sobre os corpos, os seus significados e valores. A questão fundamental é tratar de quais vidas são consideradas passíveis de luto: as vidas humanas que são consideradas cidadãs e aquelas que não são. A argumentação destaca que esse enquadramento é uma fórmula de poder, em que se delimita a esfera de aparição, controlando o que é visível e o que é inteligível como vida. Agora, os moradores do Moinho são considerados cidadãos? Os direitos fundamentais garantidos pela nossa Carta Magna não estão presentes no cotidiano e na vida dessas pessoas.

Portanto, existe uma necessidade de compreender como essa construção do “enquadramento” opera para que uma política de afirmação da vida possa ser possível. Ontologicamente, a vida é produzida por meios eletivos e não pode ser compreendida fora das operações de poder. Dessa forma, Butler propõe a ideia de “ontologia corporal social”, em que o corpo está sempre exposto a outros: organizações sociais e políticas e leis. Tendo isso em vista, uma vez que nenhuma vida existe sem condições sociais que a sustentam, Butler traz o conceito de “condição precária”, que seria: “a condição politicamente induzida na qual certas populações sofrem com redes sociais e econômicas de apoio deficientes e ficam expostas de forma diferenciada às violações, à violência e à morte. (2015, p.42-23). Assim, onde as pessoas estão em condições precárias, elas possuem relações dúbias com o Estado, de maneira que procuram proteção através dele e precisam se proteger dele (da violência estatal).

Em sala de aula, debatemos muito sobre como apareceu a violência do Estado nos episódios dos ataques à favela do Moinho e também sobre a dispersão dos usuários da Cracolândia. Sob esses acontecimentos, é trivial pensar sobre a importância do crescimento do debate da segurança pública. Para Feltran (2014), a questão social mudou de foco, dos trabalhadores para aqueles considerados marginais nas periferias. Esse deslocamento transfigurou um governo cada vez mais seletivo, em que se intensificou uma lógica de segmentação da população. A variabilidade é determinada conforme os níveis de vulnerabilidade e complexidade, e criam-se regimes normativos, estatais, criminais e religiosos que são legitimados pela mediação do dinheiro. Com isso, o debate social passou a se tratar da violência, substituindo a centralidade do trabalhador. Assim, o que antes era preocupação universal sobre a classe trabalhadora virou pauta sobre a segurança pública, em oposição aos “marginais”.

Nesse regime de governança seletiva, o Estado diferencia a população em “públicos-alvo”, baseando as suas intervenções em níveis de vulnerabilidade. E como fica o Moinho nesse contexto? Está vulnerável em todas as instâncias, porque ocupa um terreno que vale bilhões e reivindica o direito da população mais pobre de morar no centro e faz girar as lógicas do capital em uma cidade excludente. Então, a ocupação da Favela do Moinho desponta como um local de diferenciação.

No contexto do artigo *Resistências, sublevações, o “rumor das batalhas”* (Telles, 2017), o “ronco surdo das batalhas” (ou “o rumor surdo das batalhas”) refere-se a uma expressão de Foucault, particularmente presente no livro *Vigiar e Punir* (1975). A ideia simboliza as forças de resistência e insubordinação que operam por baixo das

relações de poder disciplinares, mas cujos sinais nem sempre são facilmente visíveis ou detectáveis nos modos operatórios do poder. Em outras palavras, Foucault reconhece que, onde há poder, há resistência. No entanto, o "rumor das batalhas" aponta para conflitos e enfrentamentos que não se limitam aos jogos internos das relações de poder já estabelecidas. Como mencionado anteriormente, são as "forças de baixo" que se manifestam na superfície dos acontecimentos, em sublevações, insubmissões e revoltas, que desafiam as estruturas de poder existentes.

Telles (2017) resgata o “ronco surdo das batalhas” como as forças de resistência e insubordinação que operam por baixo das relações de poder disciplinares, cujos sinais nem sempre são facilmente visíveis. Ainda, os “terrenos incertos da batalha” e as “forças de baixo” são cruciais para entender as resistências que transbordam dos dispositivos de poder, manifestando-se em pequenas histórias de pessoas anônimas, em insubmissões e sublevações que os poderes não podem controlar. Portanto, a necessidade de compreender as batalhas e resistências não apenas como reativas, mas como elementos produtivos e autônomos que impulsionam a história e desafiam a ordem estabelecida. Assim, o ordinário da Favela do Moinho nos instiga a escutar esses roncões surdos, ou até mesmo ver essas histórias através das fotografias.

Os retratos da favela

Os retratos da favela que quero pontuar são as velas que fazem o Moinho girar: um local de famílias trabalhadoras, crianças, jovens, idosos que organizam apresentações de circo, batalhas de rima, cinemas de rua e festas para as crianças e a comunidade. A força mecânica desse local, da vida, encontra-se no que está contido nas ideias de Veena Das (2024), em que o estatuto da resistência está na trama da escritura e no espaço conceitual, em que a questão do poder se formula no cotidiano. Em *Texturas do ordinário* (2024), o livro é costurado pelas histórias na Índia são sempre recontadas, elas se criam, nesse processo, em que é constituído das pequenas histórias, em uma espécie de álbum. Das postula que na antropologia, em nosso campo de estudo, a etnografia é sedimentada na difícil apreensão do ordinário, do dia a dia, em que a resistência é coextensiva às relações de poder, se estas são sempre reversíveis conforme circunstâncias e condições precisas.

Figura 3 - Diferentes publicações do perfil @faveladomoinho



Atividades do Dia das Crianças com palhaços, roda de samba, roda de batalha de rap e bolo comunitário. Fonte: Compilação da autora.

Sobre as fotografias, quero trazer a reflexão de Azoulay (2024), na qual, em seus escritos, o trabalho da fotografia ganha outra dimensão. O obturador de uma câmera é um mecanismo que controla a quantidade de luz que entra e define aquilo que vai ser capturado, o que vai permanecer, o excluído e o incluído. Em uma foto, enquadramos aquilo que queremos que seja visto, rememorando as histórias que queremos contar. No compilado acima, nessas narrativas visuais, se enaltece a vida, o Moinho vivo: as imagens colocadas pelos próprios moradores mostram a vida para além da violência posta nos grandes veículos de mídia, da criminalidade. Ainda no *Instagram* organizado pelos moradores, eles constantemente denunciam a truculência da polícia de São Paulo, mas o Moinho não é **só** feito disso.

O método de leitura que propus aqui encontra seu objeto. Nas imagens nativas, a informação, a ilustração é outra: não o da “condição precária” e do perigo, mas o do cotidiano vivido por dentro. O noticiário frequentemente suprime a vida que existe no Moinho, o momento descontraído entre jovens, crianças brincando, detalhes que reordenam o sentido da cena inteira e revelam uma humanidade que o enquadramento midiático pretende capturar. O ato político é “dar-a-ver”: os moradores escolhem o que mostrar de si mesmos, constroem sua própria legibilidade, recusam-se a ser reduzidos.

Figura 4 - Atrações na Favela do Moinho



Panfleto de uma roda de circo, do dia 15 de maio de 2025. Após a invasão das forças de segurança pública no Moinho. Fonte: Captura de tela do Instagram @faveladomoinho

Nesses retratos, veem-se novas formas de subjetividade e possibilidades de vida que podem emergir mesmo em contextos de sofrimento e marginalização, pela agência das pessoas, pela vida que gira o Moinho. Uma antropologia do devir permite observar como os indivíduos, mesmo em circunstâncias adversas, buscam extrair "chances de vida" de suas condições (Biehl *apud* Deleuze, 2008, p. 453). Promover uma etnografia que desvenda o potencial que pode revelar as particularidades da vida cotidiana e as possibilidades que são restritas pelos modelos dominantes.

Que histórias foram deixadas de fora? Como Azoulay, não pretendo subverter a história, mas colocar em destaque as potencialidades que existem nessa vida cotidiana. Em uma *antropologia do devir* (Biehl, 2008), esses retratos revelam novas formas de subjetividade e possibilidades de vida que emergem mesmo em contextos de sofrimento e marginalização. Mesmo diante de adversidades extremas, as pessoas buscam extrair "chances de vida" de suas condições, e é nessa extração que a agência se manifesta. É também o que Dardot e Laval (2017) chamam de produção do *comum*: as ações coletivas contrárias à lógica neoliberal, em que se faz uso comum do que o capital quer tornar propriedade privada e exclusiva. A vida que faz o Moinho girar é exatamente essa comum, que é construída coletivamente, no ordinário.

Breves considerações: para fazer diferente

As fissuras dos embates das narrativas visuais foram a razão pela qual esse ensaio foi pensado, para fazer diferente e desafiar a narrativa hegemônica imposta pelos grandes veículos de mídia. Em que a Favela do Moinho é retratada exclusivamente através das lentes da violência, da precariedade e da desapropriação. As reflexões de Butler (2015) sobre o enquadramento do poder e a invisibilização de certas vidas aparecem em diálogo com a obra de Telles (2017) sobre aqueles que transbordam os dispositivos de controle.

Conforme Das (2024) e Azoulay (2024), a resistência não reside apenas em grandes confrontos, mas na trama do ordinário, nas pequenas narrativas visuais que escolhem enquadrar a vida para além da calamidade. As vidas no Moinho são uma das “forças de baixo” onde, mesmo diante de adversidades extremas, emergem novas formas de subjetividades através dessas sublevações cotidianas, em que destaca-se a agência das pessoas na construção de suas próprias narrativas e realidades e tornando a vida mais vida.

Reitero, por fim, que o pouco de vida que é possível colocar nesse ensaio é para mostrar um novo possível, onde as velas que fazem o Moinho girar, as pessoas e suas vidas ordinárias formam o ronco surdo de batalhas que nenhum enquadramento do Estado, da mídia e do poder consegue silenciar.

Referencial teórico

AZOULAY, Ariella. **História Potencial**. Tradução: Célia Euvaldo. São Paulo–SP: Ubu Editora, 2024.

BIEHL, João. Antropologia do Devir. **Revista de Antropologia**, vol.5, n.2, 2008. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ra/article/view/27285>. Acesso em: 27 de junho de 2026.

BRANDÃO, Carlos R. Fotografar, documentar, dizer com a imagem. **Cadernos de Antropologia e Imagem**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 1, p. 27-54, 2004.

BUTLER, Judith. Introdução: Vida precária, vida passível de luto, in: **Quadros de Guerra**. Civilização Brasileira, 2015.

CUNHA, Manuela.M. L. C. **Olhar escravo , ser olhado**. Escravos Brasileiros do Seculo Xix Na Fotografia de Christiano Jr. Tradução . São Paulo: Ex Libris, 1988. Acesso em: 29 jun. 2026.

Favela do Moinho. **@faveladomoinho**. In: Instagram. Disponível em: [Link do perfil]. Acesso em: 27 de junho de 2026.

FELTRAN, Gabriel. “Valor dos Pobres: aposta no dinheiro como mediação para o conflito”. **Cadernos CRH**, 27, 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ccrh/a/vgfhktWZvHTwNpV3Q6pPy4g/>. Acesso em 27 de junho de 2026.

FREITAS, Hyndara. Bunker do PCC na Cracolândia: favela do Moinho deve ser removida para dar lugar a nova estação de trem. **O Globo**, São Paulo, 8 ago. 2024. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/brasil/sao-paulo/noticia/2024/08/08/bunker-do-pcc-na-cracolandia-favela-do-moinho-deve-ser-removida-para-dar-lugar-a-nova-estacao-d-e-trem.ghml>. Acesso em: 26 jun. 2026.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Tradução de Raquel Ramalhete. Petrópolis: Vozes, 1987.

DARDOT, Pierre. e LAVAL, Christianc. Comum: **Ensaio Sobre a Revolução no Século XXI**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2017

DAS, Veena. Foucault nas periferias de Délhi. In: **Texturas do ordinário**: fazendo antropologia à luz de Wittgenstein, São Paulo: Editora da Unifesp, 2024. Introdução, p.17-48.

KOWARICK, Lúcio. **A espoliação urbana**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

RETRATO. In: **DICIO**: Dicionário Online de Português. Porto: 7Graus, 2026. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/retrato/>. Acesso em: 27 jun. 2026.

ROLNIK, Raquel *et al.* Governo de SP não cumpre promessa e obriga moradores da Favela do Moinho a sair do centro. **Intercept Brasil**, 27 abr. 2026. Disponível em <https://www.intercept.com.br/2026/04/27/governos-nao-cumprem-promessa-favela-do-moinho/>. Acesso em: 27 jun. 2026.

TELLES, Vera. Resistências, Sublevações, o “rumor das batalhas”. **Revista Dilemas**, vol. 10, 2017. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/dilemas/article/view/14200>